

Pedido para a Profissão solene dos Irmãos

Roberto e Paulo

29 de junho de 2018

A Vida Beneditina é uma escalada de montanha.

Há um livro que nos USA teve mais de um milhão de exemplares vendidos. Seu autor é um Rabino. Chama-se Harold Kushner. O título de seu livro é “*Quando tudo não é o bastante.*”

O Rabino Kushner comenta o livro do Eclesiastes, considerado por muitos biblistas como um livro altamente pessimista. Conforme o autor, tal adjetivo depende do ponto de vista de quem o lê.

No terceiro capítulo, trata da busca do sucesso, que o Eclesiastes menciona assim: “*Construí casas e plantei vinhedos...Tive criados...*”¹ Exatamente comentando esse fato da busca do sucesso, o autor relata um episódio muito interessante.

“Um turista americano estava na Índia num dia dedicado à peregrinação ao topo de uma montanha sagrada. Milhares de pessoas se preparavam para a íngreme subida. O americano, acostumado a exercícios físicos e se julgando em boa forma, decidiu participar da experiência. Vinte minutos depois, completamente sem fôlego e qua-

¹ Ecl 2, 4-8

se incapaz de dar mais alguns passos, viu passarem facilmente por ele mulheres carregando bebês e frágeis velhinhos apoiados em bastões. “Não consigo compreender”, disse ele a um amigo indiano! “Como é que essa gente consegue e eu não?” O amigo respondeu: “É porque tem o hábito tipicamente americano de ver em tudo um teste. Você encara a montanha como um inimigo e se dispõe a derrotá-la. A montanha, naturalmente, também luta e é muito mais forte que você. Nós não vemos a montanha como um inimigo a vencer. Nosso objetivo é uma unidade com a montanha e, assim, ela nos levanta e nos carrega pelo caminho.”



A vida monástica com sua peculiar *“conversatio”* pode ser comparada a essa montanha sagrada dos indianos que nós, por vocação batismal, escalamos. Seu objetivo é nos conduzir aos *“maiores cumes da doutrina e das virtudes”*.² A forma física que temos e a roupa apropriada que endossamos são importantes, mas não o suficiente para subir à montanha, que podemos identificá-la à vida monástica.

² RB 73,9

O fundamental é reconhecer que, ao longo dos séculos, monges e monjas santos a escalaram com dificuldade, mas perseverantes, pacíficos, passo por passo, confiantes no auxílio da graça, conforme São Bento: “*quando encetares algo de bom, pede-lhe com oração muito insistente que seja ele plenamente realizado...*”³ Assim agiram porque não viam na vida monástica um teste a ser vencido e superado, como o nosso americano. Não passaram a vida brigando com a montanha, ou seja, com a vida monástica, que eles aceitaram escalar, sobretudo quando lhes faltaram o fôlego, isto é, o entusiasmo. E é perfeitamente normal faltar o fôlego depois de um tempo de escalada e em muitas situações conflitantes. A causa desse fenômeno poderá ser cansaço, frustrações inevitáveis, mas também fé insipiente por não ter sido alimentada devidamente.

Nunca subimos a montanha apenas sustentando a nós mesmos, isto é, carregando no colo a criança que somos, por vezes mais pesada do que qualquer outra pessoa ou coisas. Como somos *koinonia* carregamos no colo, igualmente, os irmãos que Deus nos escolheu para a subida, irmãos que precisamos sustentar e que também por eles somos sustentados. E mais, como existimos na Igreja e para a Igreja carregamos amigos, pessoas que se confiam às nossas preces e, não podemos deixar de mencionar os inimigos, fardo extremamente penoso, que sempre os temos.

³ RB Prol, 4

O utras vezes, os tropeços acontecidos pelos pecados cometidos ou acalentados no mais profundo do coração, as possíveis vertigens ao olharmos para trás e darmos-nos conta de que o tempo passou muito rapidamente e o medo de não atingir a meta sonhada, forçam-nos a utilização de bastões, apoios que não nos permitiriam usar em outros momentos de nossa vida, um tanto auto-suficientes. Bastões da boa palavra que deverá vir do abade e dos irmãos⁴, da correção paterna e fraterna,⁵ da condescendência da Regra ao considerar a idade e a fraqueza em relação à alimentação e ao seu horário⁶, etc.



Por isso, a vida monástica, a nossa montanha, de nós exige adesão, unidade e, assim, ela nos levanta e nos carrega pelo caminho. Ela continuará sempre montanha a ser escala, portanto um legítimo desafio com sua legítima fadiga.

O Grande Retorno ao qual fomos convidados a realizar ao sairmos da piscina batismal e fazê-lo na vida monástica da comuni-

⁴ RB 31,14

⁵ RB 64,11

⁶ RB 37,2

dade que abraçamos com uma tradição milenar só será frutuoso e real se não fugirmos tomados de pavor do caminho estreito, do desafio da vida monástica comparada a essa montanha sagrada que os indianos escalam com fé.

Que o bom Deus, nos abençoe nessa escalada.

Caros Irmãos Roberto e Paulo, não tenham medo; não subimos sozinhos. Ora cantando ora chorando, ora pesados ora estimulados caminhamos juntos. E entre nós o Senhor, que prometeu-nos permanecer conosco até o fim dos tempos.

Deus nos abençoe a todos.

